



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

## ***A COMPREENSÃO DO FUNDAMENTO PASSE PELOS ALUNOS CONCLUINTES DO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE COM BASE NA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL***

*Vidalcir Ortigara,*

*Professor doutor do Curso de Educação Física da UNESC. Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação Física e escola: conhecimento e intervenção (GEPEFE) - Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC – CEP 88806-000 – Criciúma – SC – e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Ontologia Crítica (GEPOC). [ydo@unesc.net](mailto:ydo@unesc.net).  
<http://lattes.cnpq.br/0570152053531223>*

*Milaine Euzébio da Rosa*

*Licenciada em Educação Física. Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação Física e escola: conhecimento e intervenção (GEPEFE) e do Grupo de Pesquisa em Educação Matemática: Uma abordagem Histórico-Cultural (GPEMAHC) da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. CEP 88806-000 – Criciúma – SC – Brasil – [milainedarosa@yahoo.com.br](mailto:milainedarosa@yahoo.com.br);  
<http://lattes.cnpq.br/6336515275624508>.*

### RESUMO

*A necessidade de aprofundar o debate em torno dos conceitos básicos presentes no processo de ensino e aprendizagem em educação física escolar nos motivou a analisar o conceito de passe com base na teoria Histórico-Cultural, especificamente nos textos de Leontiev (1978) e Lukács (1981). A investigação empírica incluiu alunos concluintes do Ensino Fundamental. O objetivo foi analisar a compreensão dos sujeitos. Tal análise foi realizada com base na Teoria Histórico-Cultural. Concebemos o passe como uma ação da atividade de esporte composta por operações de lançamento, deslocamento do instrumento e recepção. Diferentemente de alguns autores brasileiros que desconsideram a recepção como uma operação do passe, caracterizam a mesma como uma ação, isto é, dicotomizam o passe e recepção. Essa compreensão de passe está internalizada nos alunos pesquisados. Para os mesmos, tudo pode ser passe: há passe errado, recepção do passe da equipe adversária, entre outros. Além disso, as respostas dos alunos trazem evidências de que eles se apropriaram de ações e operações somente no nível empírico.  
Palavras chaves: educação física; passe; histórico-cultural.*

### ABSTRACT

***UNDERSTANDING THE PASS FOR GRADUATES STUDENTS FROM ELEMENTARY EDUCATION: AN ANALYSIS BASED ON HISTORICAL AND CULTURAL THEORY***



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

*The need to deepen the debate on the basic concepts within the process of teaching and learning in school physical education has motivated us to analyze the concept of passing on historical-cultural theory, specifically in the texts of Leontiev (1978) and Lukács (1981). Empirical research included graduates of municipal elementary school students from Criciúma-SC. The objective was to verify how the concept's subjects. This analysis was based on the theory Historic-Cultural, in which the pass is an action of sport activity. This action consists of launch operations, displacement of the instrument and receiving. Some authors consider receiving as an operation of passing, characterizing it as an action, that is, dichotomizing pass and receiving. This understanding of pass internalized by the researched students, everything is pass for them, exist wrong pass and there is receiving the pass from the adversarie. The student responses provide evidence that they have appropriated actions and operations only at the empirical level.*

*Keywords: physical education, past, historical-cultural.*

## RESUMEN

### LA COMPRENSIÓN DE LOS ESTUDIANTES GRADUADOS DE LA EDUCACIÓN PRIMARIA DEL PASE EN EL DEPORTE: UN ANÁLISIS BASADO EN LA TEORÍA HISTÓRICO Y CULTURAL

*La necesidad de profundizar el debate sobre estos conceptos básicos en la enseñanza y el aprendizaje en la educación física nos motivó a analizar el concepto de la pase de la teoría y la historia cultural, específicamente en los textos de Leontiev (1978) y Lukács (1981). La investigación empírica fue con los graduados de los estudios de primaria, el objetivo fue determinar el concepto que entiende los sujetos. Este análisis se basó en la teoría de la Historia-Cultura, en la que el pase es una acción de actividad de deportes. Esta acción consiste en las operaciones de lanzamiento, de desplazamiento del instrumento y la recepción. Algunos autores no considera la recepción una operación del pase, lo caracterizan como una acción, es decir, una dicotomía entre el pase y la recepción. Tal comprensión de pase es internalizado por los estudiantes encuestados. Por los mismos, pase puede ser cualquier cosa, van mal y hay también de recibir el pase del equipo contrario. Respuestas de los estudiantes demuestran que se han apropiado de las acciones y operaciones sólo en el plano empírico.*

*Palabras claves: educación física, de pase, histórico-cultural.*



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

A presente pesquisa surgiu a partir da necessidade de aprofundar o debate em torno dos conceitos básicos presentes no processo de ensino e aprendizagem em educação física escolar. Euzébio (2009, p. 112), na análise do conteúdo esporte nos cursos de formação inicial de professores, aponta para a carência de literaturas “(...)quespondam à estética e interesses técnico-metodológicos, (...) mais vinculadas à sociologia crítica, à filosofia e à história dos esportes”.

Scalcon (2002) indica que a perspectiva Histórico-Cultural é a base psicológica da pedagogia Histórico-Crítica e como, na área de educação física, a proposta teórico-metodológica crítico-superadora é a que busca o desenvolvimento de uma ação pedagógica vinculada à sociologia crítica, à filosofia e a história dos esportes, objetivamos analisar o conceito de passe com base na teoria Histórico-Cultural, mais especificamente nos textos de Leontiev (1978) e Lukács (1981). Também realizar uma investigação empírica com alunos concluintes do Ensino Fundamental com o objetivo de verificar como tal conceito é compreendido pelos mesmos. Posteriormente, analisamos, comparativamente, os resultados da investigação com alunos junto à compreensão conceitual na perspectiva Histórico-Cultural. Nossa hipótese consiste que na prática cotidiana da educação física escolar, na abordagem do conteúdo esporte, ocorre o processo de compreensão empírica de passe, ou seja, os alunos não conseguem realizar reflexões teóricas, limitando-se à análise do que a prática imediata lhes permite.

Selecionamos seis escolas da Rede Municipal de Ensino de Criciúma-SC para a realização de entrevistas com os alunos. A escolha das mesmas deu-se pelo fácil acesso dos pesquisadores devido sua localização geográfica. Após o consentimento da realização da pesquisa pelas diretoras das escolas, foram convidados todos os alunos do nono ano do Ensino Fundamental. Dentre eles participaram da pesquisa 31 alunos. Após a efetivação do termo de consentimento, mediante assinatura pelos responsáveis, as entrevistas semiestruturadas foram realizadas individualmente. Optamos pelo registro de voz e de imagem, pois em momentos da entrevista solicitávamos aos alunos que realizassem demonstrações do que procuravam explicar verbalmente.

Ao analisar as respostas dos alunos sobre a compreensão de passe não expomos os nomes dos mesmos, apenas colocamos letras e números. A letra corresponde à escola do aluno, adotamos a sequência alfabética na ordem em que as entrevistas foram realizadas. Os números representam os alunos na sequência numérica na mesma ordem adotada nas escolas.

Inicialmente destacamos algumas das perspectivas da educação física escolar no entendimento de Bracht (1999). Posteriormente apontamos a compreensão conceitual de passe na perspectiva Histórico-Cultural e a teoria da atividade. Por fim, analisamos a compreensão de passe dos alunos junto à compreensão Histórico-Cultural.

Atualmente, várias perspectivas permeiam a educação física escolar (BRACHT, 1999). Uma delas, parte do pressuposto que o papel da Educação Física escolar seria levar as crianças à formação de hábitos e atitudes de prática regular da atividade física com vistas à melhoria da qualidade de vida. Em consequência, a principal ação pedagógica torna-se o favorecimento ou



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

organização das condições para que o aluno execute atividade física. Para isso, basta o professor ter domínio dos conteúdos práticos, por exemplo, do esporte, para ter condições de criar “estratégias de ensino” que leve o aluno a aprender determinada modalidade esportiva.

Outra perspectiva destaca que o papel principal do professor na ação pedagógica é organizar a aprendizagem do aluno, não necessita ter grande domínio do conhecimento previamente estabelecido. O conhecimento é visto como uma construção do aluno, independente das condições em que se encontra. Ao discutir as perspectivas pedagógicas que sustentam essa perspectiva, Duarte (2006) assinala que há variadas nuances que possuem em comum o lema “aprender a aprender”, em que o professor deixa de ser o responsável no processo de ensino, tem uma função secundária, passa a ser o facilitador. Desloca-se o processo educativo do aspecto lógico para o aspecto psicológico, que procura estimular o aluno a obter o conhecimento por si mesmo. Neste caso o importante não é ensinar e nem aprender, o importante é ‘aprende a aprender’. Tal perspectiva tem orientado as ações pedagógicas na educação física que conduz ao esvaziamento em relação ao ensino dos conteúdos da área, como na perspectiva construtivista-interacionista (BRACHT, 1999).

Uma terceira perspectiva, sustentada na pedagogia histórico-crítica, surge com o Coletivo de Autores (1992), que sustenta o conhecimento da educação física como Cultura Corporal que se manifesta em atividades expressivas corporais tais como a ginástica, os jogos e as brincadeiras, a dança, os esportes entre outros. Sua base psicológica é a Histórico-Cultural que, de acordo com Davíдов (1988), surgiu da necessidade de se promover no ensino o desenvolvimento do pensamento teórico dos estudantes por meio da aprendizagem dos conceitos científicos em oposição ao predomínio do pensamento empírico na educação escolar. O objetivo do ensino é a apropriação da experiência socialmente elaborada que supõe a formação nos estudantes, desde o primeiro ano escolar, de abstrações e generalizações que constituem a base do pensamento teórico. Só é eficiente aquele ensino, segundo Vigotski (2000), que se adianta e se orienta para o amanhã do desenvolvimento da criança, por meio do conteúdo do conhecimento a ser apropriado. Ou seja, sua finalidade é a transformação dos próprios estudantes por meio da apropriação dos conceitos científicos e, conseqüentemente, o desenvolvimento do pensamento teórico (DAVYDOV, 1982).

Muitas vezes, a compreensão conceitual teórica em educação física é entendida com conotação pejorativa de algo difícil de ser aprendido por não ter uma vinculação imediata com a realidade sensitiva. Essa limitação está internalizada pelos próprios professores, que em sua formação tiveram acesso, predominantemente, à literatura que apresenta os conceitos vinculados à imediatividade da prática, portanto numa elaboração conceitual empírica (EUZÉBIO, 2009).

Essa compreensão empírica, de dicotomia entre a teoria e a prática imediata (DAVYDOV, 1982), surgiu com a divisão social, na atividade do trabalho, que possibilitou ao homem representar os processos de atividade exterior e os processos de atividade interior, como se fossem contraditórios. Ou seja, separa-se a atividade ideal da atividade material (LEONTIEV, 1978).

Desse modo, a atividade ideal é concebida, no cotidiano da educação física escolar, como teórica e a atividade material como prática. Ao criticar tal dicotomia, Leontiev (1978, p. 119) assevera que “É precisamente a comunidade de estrutura da atividade interior teórica e da atividade



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

exterior prática que permite aos seus diferentes elementos estruturais passar (...) de uns para os outros”. Assim a atividade exterior é composta por ações e operações interiores, enquanto a atividade interior é composta por ações e operações exteriores de pensamento. Ambas precisam ser compreendidas como um processo indissociável.

Ao optar por alunos do último ano do Ensino Fundamental, consideramos que os mesmos, já tinham iniciado e ampliado a sistematização do conhecimento de passe.

O terceiro ciclo vai da 7ª à 8ª series. É **o ciclo de ampliação da sistematização do conhecimento**. O aluno amplia as referências conceituais do seu pensamento; ele toma consciência da atividade teórica, ou seja, de uma operação mental exige a reconstrução dessa mesma operação na sua imaginação para atingir a expressão discursiva, leitura teórica da realidade. O aluno dá um salto qualitativo quando reorganiza a identificação dos dados da realidade através do pensamento teórico, propriedade da teoria (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 35 – grifos no original).

Desse modo, supõe-se que os alunos do nono ano já compreendam a ação do passe, ou seja, antes da objetivação da ação do passe, todas as operações pertencentes a ela são reproduzidas no plano ideal.

Vale ressaltar que concebemos o passe como fundamento único para o entendimento até então vigente de passe e recepção. Na interpretação de alguns autores, como Tenroller (2004 e 2005), por exemplo, passe é o fundamento técnico mais importante, é a ação de entregar o instrumento ao colega ou companheiro de equipe. A recepção, por sua vez, é o ato de receber e controlar ou dominar o instrumento. Comungam essa mesma concepção, Vozer e Giusti (2002) “Passe é o ato de entregar a bola diretamente ao companheiro ou lançá-la em um espaço vazio da quadra e Fernandes (2004, p. 48, – grifos no original) “**Passe** – pertence à categoria de impulsionar a bola e pode ser realizado com o pé, coxa, peito e cabeça”.

Podemos observar que os autores mencionados concebem o passe como uma ação distinta da recepção. Logo são duas ações independentes, o que explicita uma visão dicotômica da ação de passe. Na prática imediata isso pode não implicar dificuldade para a realização do jogo. Nossa preocupação com a aprendizagem no contexto escolar é que isso conduz a uma compreensão fragmentada da atividade do esporte e, portanto, descontextualizada das relações sociais da qual ele é uma atividade expressiva (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Para nós, com base na perspectiva histórico-cultural, a recepção é uma das operações realizadas pelo aluno para a complementação da ação do passe. Nossa proposição de junção de ambos os fundamentos (passe e recepção) em um único fundamento (passe) advém da relação entre motivo da ação e o fim da atividade. Para explicar nossa proposição nos fundamentaremos na estrutura da atividade, com base na perspectiva Histórico-Cultural.

Na atividade humana o objeto pode não coincidir com seu motivo, quando isso acontece, é considerada uma ação. A atividade é realizada no coletivo. É para satisfazer a necessidade do grupo, que cada indivíduo realiza ações e operações (LEONTIEV, 1978). A realização das operações é possível quando o homem reflete a relação existente entre o motivo



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

objetivo da ação e o seu objeto. Pelo contrário a ação não teria sentido ao sujeito. A ação da atividade humana faz surgir o sentido para aquilo que a atividade se orienta (LEONTIEV, 1978).

Ao utilizar o termo motivo, o autor não o faz como sinônimo de sentimento de uma necessidade, mas para “aquilo em que a necessidade se concretiza de objetivo nas condições consideradas e para as quais a atividade se orienta, o que a estimula” (LEONTIEV, 1978, p. 97).

Com base nos pressupostos apresentados, pode-se inferir que é a necessidade do aluno que o estimula a participar da atividade de estudo. Esta necessidade deve ser desenvolvida no início da vida escolar, pois são os motivos que impulsionam os alunos a se apropriarem dos procedimentos de reprodução dos conhecimentos teóricos, por meio das ações de estudo (DAVYDOV, 1988).

Para Leontiev (1978), ação é quando o seu motivo não coincide com o objeto. Na especificidade do nosso objeto, passar o instrumento (bola, disco...) ao companheiro de equipe não leva o aluno a objetivar o esporte. Ou seja, fazer o instrumento chegar ao companheiro de equipe não coincide com objeto, que é chegar a meta (fazer o gol, fazer o ponto...). Desse modo, consideramos o passe como uma ação, se tomarmos o esporte como atividade.

A ação do passe não fica desprovida de sentido para o aluno, pois, ao conseguir refletir psiquicamente o motivo de sua ação e o objeto, ele compreende as operações realizadas para a mesma. Lançamento, trajetória do instrumento e recepção são operações da ação do passe que para sua objetivação considera-se a presença de dois alunos para a realização da mesma.

Para Leontiev (1978) as ações e operações são desenvolvidas no plano ideal e no plano material, não como processos isolados, mas como unidade. Ou seja, antes da objetivação da ação, o ser humano planeja e dirige a mesma. Tal processo é denominado por Lukács (1991) de prévia-ideação. É nesse momento que as possibilidades das ações são consideradas e os resultados são idealizados na consciência (LESSA, 2007).

O momento da prévia-ideação é abstrato, pois é nesse momento que o ser humano vai idealizar as ações em todos os seus detalhes, considerando seus conhecimentos e habilidades, como também, toda causalidade que possa surgir. Para isso, é crucial apoiar-se sobre um reflexo correto da realidade orientado para a finalidade. Ao considerar a importância para o ser social desse momento, “só enquanto abstratividade pode ela constituir o momento em que os homens confrontam passado, presente e futuro e projetam, idealmente, os resultados de sua práxis” (LESSA, 2007, p. 37).

Logo, para a objetivação do passe, o aluno realiza as operações no plano ideal nas palavras de Leontiev, ou a prévia-ideação conforme Lukács. Desse modo, para a realização da ação do passe, o aluno idealiza todos os detalhes da ação, considerando todos os seus conhecimentos e habilidades que serão indispensáveis para concretização do passe. Assim como também, toda causalidade que possa aparecer durante o momento da ação.

Conforme Lessa (2007), há duas relações entre a consciência que opera a prévia-ideação e o objeto construído. Na primeira, aponta a distinção entre o objeto criado e o ser que realizou a prévia-ideação, ou seja, a exteriorização. Na segunda, o objeto existe somente após a prévia-ideação, sem essa, o objeto jamais existiria. Ou seja, a ação de passar o instrumento só pode existir,



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

caso exista a prévia-ideação e, nessa, toda causalidade é abordada. Caso ocorra interferência não prevista de qualquer causalidade – tenha ela sido compreendida ou não pelo sujeito da ação – a objetivação não se efetiva. No nosso caso, não ocorre o passe. A prévia-ideação só é objetivada caso todas as operações pertencentes a ela sejam realizadas.

(...) ao ser levada à prática a prévia-ideação se materializa num objeto, se objetiva. O processo que articula a conversão do idealizado em objeto – sempre com a transformação de um setor da realidade – é denominado por Lukács de objetivação. Pela objetivação “/.../ uma posição teleológica se realiza no âmbito do ser material como nascimento de uma nova objetividade” (LUKÁCS apud LESSA, 2007, p. 38).

A objetivação é o momento concreto de realização da síntese da causalidade e da prévia-ideação. Então, para a realização do passe, todas as causalidades que possam aparecer durante a ação são consideradas na prévia-ideação. Para isso, Lessa (2007) considera crucial apoiar-se sobre um reflexo correto da realidade, orientado para a sua finalidade. Logo, se a finalidade da ação do passe é fazer o instrumento chegar ao colega de equipe, o aluno tem que refletir toda a situação do esporte, para garantir que não haja nenhuma interferência de nexos causais, por exemplo: caso o aluno da outra equipe intercepte o instrumento em seu deslocamento; ou, a trajetória do instrumento não seja a idealizada devido ao vento; etc.

O instrumento é um objeto utilizado para a realização das ações e operações. O uso do instrumento é possível apenas, na “ligação com a consciência do fim da ação” (LEONTIEV, A. 1978, p. 82). O aluno precisa ter consciência do instrumento nas suas propriedades objetivas. Desse modo, o instrumento utilizado nos esportes coletivos que contemplam o passe, deve estar ligado à consciência do aluno – ser apreendido –, para que o mesmo possa compreendê-lo em suas propriedades e a relação do fim da atividade com a sua utilização.

Desse modo, ao considerar os fundamentos da perspectiva Histórico-Cultural, a dicotomia da ação de passe entre passe e recepção é equivocada. Tal equívoco emerge da observação direta dessa prática, sem a análise dos processos concretos que lhes dão origem. Ou seja, trata-se de uma interpretação empírica que também se expressa nas falas dos alunos ao afirmarem passe como: 1) Tudo é passe; 2) Passe errado; 3) Recepção do passe pela equipe adversária.

Ao analisar a compreensão conceitual dos alunos do nono ano das escolas do município de Criciúma, percebemos que alguns alunos partem do princípio que todo instrumento lançado, durante a realização do esporte, é caracterizado como um passe. Consideram que basta a intenção de realizar o passe, ou seja, que apenas lançar o instrumento com a intenção de realizar a ação de passe, independente se o colega recebeu ou não o instrumento, é um passe:

**Aluno A.2:** - é um lançamento, é um passe; **aluna B.5:** - ouve [um passe] porque eu te tentei; **Aluna C.9:** - querendo ou não, realizei, no caso eu realizei um passe para uma pessoa, mais outra pessoa recebeu. **Pesquisadora:** - da outra equipe?, **Aluna C.9:** - sim; **Pesquisadora:** - Quando acontece de você lançar a bola para seu colega e ele não receber a mesma, pois não conseguiu correr o suficiente e a bola saiu na lateral, isso é



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

**um passe ou não? Aluna C.10:** - eu acredito que sim, porque a intenção era que ele pegasse. **Pesquisadora:** - então é um passe devido à intenção? **Aluna C. 10:** - isso.

Essa compreensão equivocada, de que basta a intenção e o lançamento para que o passe seja realizado, desconsidera a objetivação da ação, ou seja, que o instrumentorealize a trajetória idealizada e nenhum outro colega a intercepte além do colega intencionado no plano ideal. Assim, a ação torna-se descolada do sentido de totalidade do jogo para o aluno, pois apenas a operação do lançamento do instrumento, sem a recepção pelo colega idealizado, não possibilitará a objetivação do esporte. Ou seja, não faz sentido lançar o instrumento para a equipe adversária. O conceito de passe desses alunos é empírico, seus argumentos são oriundos das evidências proporcionadas nas operações realizadas no plano material. Não recorrem ao conhecimento teórico de passe para justificarem suas respostas.

Para outros alunos lançar o instrumento, mesmo que ele não chegue ao colega previamente idealizado, é um passe, porém, o concebem como um passe errado. Para o aluno A.1, “pode até ter sido um passe, mas foi errado (...)” ou, nas palavras do aluno A.2 “seria um passe, mas se o parceiro não pegar (...) é um passe errado”. Esses alunos também acreditam que tudo é passe, porém, se diferenciam dos anteriores ao fazer inferência ao “passe errado”.

Esse equívoco também se manifesta na literatura. De acordo com Tenroller (2005, p. 65), (...) é a partir de passes corretos que acontecerão os demais fundamentos (...). Desse modo, implícita a menção sobre “passes corretos”, surge a possibilidade de passes errados.

Porém, quando os nexos causais interferem na objetivação da ação do passe, ao ponto, da mesma não ser objetivada, conclui-se que não houve a ação. Pois é no momento da prévia-ideação que os nexos causais devem ser considerados, de tal modo, que garanta a não interferência destes na objetivação da ação.

Os alunos também compreendem que a interceptação de um instrumento durante a realização da trajetória do instrumento por um colega da equipe adversária é recepção. Não consideram a idealização prévia do colega de onde o instrumento partiu.

**Pesquisadora:** - como que seria essa recepção? **Aluno A.1:** - um erro de passe da outra equipe; **Pesquisadora:** - No futebol, no handebol, tem como receber a bola da outra equipe ou não? **Aluna C.9:** - só se ela driblar ou ocorrer um passe errado.

Conforme Lessa (2007) é no momento da prévia-ideação que o aluno vai idealizar todas as operações da ação em todos os seus detalhes, seus conhecimentos e suas habilidades, como também as causalidades que podem vir a acontecer durante a realização da ação. Deste modo, o aluno compreende quais colegas de equipe estão marcados ou não, quais deles têm maior facilidade de objetivar o passe, ou, para o andamento do jogo é melhor passar para qual colega. Dentre outras, nessas ideações, o aluno projeta as operações necessárias para fazer o instrumento chegar ao colega idealizado, ou seja, para que se efetue a ação de passe. Enfim, se o aluno não idealizou previamente a causalidade de um colega da outra equipe interferir na ação, não pode ser considerada uma ação efetuada, portanto, a tal interceptação do instrumento não faz parte da ação do passe.



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

## Considerações finais

As diferentes perspectivas da educação física apontam divergências quanto ao processo de ensino aprendizagem. Uma delas enfatiza a aprendizagem de hábitos de atividade física saudáveis, outra, aponta que a intenção da aprendizagem tem que partir do aluno, não considerando a compreensão teórica dos conteúdos abordados. Enquanto na perspectiva Histórico-Cultural considera crucial a apropriação pelos alunos da experiência socialmente elaborada, da manifestação da cultura corporal do movimento.

Nos fundamentamos nessa última perspectiva, tomando a teoria da atividade como base para explicar nossa proposição. Desse modo, consideramos o passe como uma ação, se tomarmos o esporte como atividade. Na ação do passe constam as operações de lançamento, deslocamento do instrumento e recepção. Ou seja, a recepção é considerada uma operação da ação de passar o instrumento. Ao contrario de alguns autores que dicotomizam passe e recepção, caracterizando-as como duas ações distintas. Essa dicotomia caracteriza uma compreensão empírica, pois conforme esses autores, para objetivação do passe não há a necessidade da recepção do instrumento de jogo pelo colega de equipe.

Para nós quando o instrumento não chega no colega idealizado não se constitui o passe. É no plano ideal que todos os nexos causais são refletidos psicologicamente pelo aluno para que o passe se objetive. Caso, as operações sejam interrompidas no momento da realização da mesma, de sua objetivação, ao ponto de sua finalidade não ser alcançada, o passe não se objetiva.

O estágio atual do presente trabalho nos aponta possibilidades de validação da nossa hipótese de pesquisa, ou seja, os alunos não conseguem realizar reflexões teóricas sobre as ações, limitam-se à análise do que a prática imediata lhes permite. E, assim, tudo pode ser passe, há passe errado e também há recepção do passe da equipe adversária. As respostas dos alunos trazem evidências de que eles se apropriaram de ações e operações somente no nível empírico.

## Referências Bibliográficas

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos CEDES**, São Paulo, v.19, n.48, p.69-88, ago. 1999.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAVÍDOV, V.V. **The Basic Concepts of Contemporary Psychology, Soviet Education “Problems of Velopmental Teacher**. XXX (8), New York: M.E. Sharp. 1988.

DAVYDOV, V. V. **Tipos de generalización en la enseñanza**. 3. ed. Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1982.



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

DUARTE, N. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: críticas das apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 4. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

EUZÉBIO, C. A. **O Conhecimento Esporte nos Cursos de Formação Inicial em Educação Física**. 2009. p 121. Dissertação (Educação) - Universidade do Extremo Sul Catarinense.

LEONTIEV, A. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

LUKÁCS, G. **Per l'ontolgiadell'esseresociale**. II\*. Roma: Riuniti, 1981.

NAVARRO, C. A.; Almeida, R. **Futsal**. São Paulo: Phorte, 2008.

SCALCON, S. **À procura da unidade psicopedagógica**: articulando a psicologia histórico-cultural com a pedagogia histórico-crítica. Campinas, SP: Autores Associados, 2002. 151 p.

TENROLLER, C. A. **Futsal**: ensino e prática. Canoas. Ulbra, 2004. 152p.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. 1. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.